

# O CRUZEIRO

Ano XLV — 7 de novembro  
de 1973 — N.º 45



A Amazônia inundou esta edição. Porque acreditamos na Amazônia. O negócio não foi feito na base do faturamento e sim da convicção. A gente procura fazer uma Revista em termos de nacionalismo. Porque a gente acredita no Brasil. Gomes Maranhão e eu bolamos uma série de reportagens sobre o Brasil Grande, que é do Presidente Médici e é nosso. Por falar, escrevi um artigo malhando o adivinho Herman Kahn. Recolhi uma série de dados que considero muito importantes — dados extraídos de afirmações do Ministro Delfim Netto. Se os senhores estiverem interessados, sou o narigudo que aparece com ele (última foto desta página). Os 12% são, realmente, 12%. A Amazônia é o maior afluente desta edição. Ubiratan de Lemos e Indalécio Wanderley mostram os caminhos do turismo (em Manaus) e defendem a cidade contra um cineminha marrom que está tentando poluir a nossa esperança maior de turismo nacional e internacional.

Úrsula Andress, à parte.



## José Amádio



29.0.AFF.29, p2



**José Amádio**

**ANALISA**

**O PAPO  
FURADO DE  
HERMAN  
KAHN  
E O PAPO  
FIRME DE  
DELFIN  
NETTO**





Foto de INDALÉCIO WANDERLEY

**NINGUÉM**



**AZONAS**

**LEGENDA**

-  QUATERNÁRIO
-  TERCIÁRIO
-  MESOZOICÁRIO
-  TUDO GERALMENTE

**CARACTERÍSTICAS**

- 1) HORIZONTE EM MONTE ALEGRE, SEGUNDO CRITÉRIO DO "HUBBARD INSTITUTE"
- 2) NÍVEL DAS ÁGUAS REPRESSADAS 50 METROS SOBRE O NÍVEL DO MAR, SEGUNDO CRITÉRIO DO DR. PRADO LOPES
- 3) DELIMITAÇÃO TERRAÇA DO MAR AMAZÔNICO, SEGUNDO CRITÉRIO DO "HUBBARD INSTITUTE", TOMANDO POR BASE A ALTURA DO NÍVEL D'ÁGUA DE ACORDO COM INDICAÇÃO DO DR. PRADO LOPES (50 METROS)
- 4) SUPERFÍCIE DO MAR AMAZÔNICO\* 240.000 KM<sup>2</sup>



29.0. APR. 29, - 3

Nenhum homem inteligente se leva muito a sério. Nietzsche, o maior dos filósofos, foi um grande piadista.

O maior dos piadistas.

Os projetos de Herman renderam-lhe um dinheirão. Ele quase cria um novo ramo internacional: o das previsões. Vejamos, resumindo, o que ele queria com a Amazônia: inundar um terço do chamado pulmão do mundo. Ora, bolas! Acho que só o fato de termos descoberto a possibilidade de gerarmos 7 ponto 2 milhões de quilowatts no rio Tocantins já transforma o plano do "lago" numa das maiores burrices (douradas) de todos os tempos. Teorizando sobre o desconhecido (pois nem nós conhecíamos a Amazônia), ele cometeu uma irresponsabilidade geográfica, científica, econômica e o que mais quiserem. O Projeto Radam está tentando desvendar a Amazônia. A Transamazônica, por si só, é um processo de metabolização do Brasil. As possibilidades que ela está abrindo são de tal ordem que não cabem nos limites nem dos nossos projetos. E vem um cidadão teorizar em cima do desconhecido, um desconhecido que é a nossa esperança e o nosso orgulho. Devo esclarecer que, embora gaúcho (ou talvez por isso mesmo), sou vidrado em Amazônia. Delfim Netto costuma brincar, dizendo que, se alguém fosse pedir a Pedro Álvares Cabral um projeto de viabilidade econômica, teria estancado a História.

E o Brasil não teria sido descoberto.

O que Herman Kahn fez, basicamente, foi um exercício aritmético com projeções sobre alguns dados brasileiros. É claro que, num período em que o Brasil crescia menos, ele supôs que o passado contivesse o futuro. Nossos 12%, os 12% de Delfim, são a inversão do fato histórico. Estamos agüentando os 12%. Mesmo. Claro que o feijão aumentou. É óbvio que temos problemas de carne e de leite. Mas custo de vida é uma coisa. Desenvolvimento global é outra. Em 1964/65/66, estávamos em recesso. Agora estamos marchando. E o importante para o nosso desenvolvimento é, justamente, essa angústia de viver que Herman considera negativa. Um japonês, por exemplo, um japonês comum, vive mal e mora mal. O brasileiro ainda vive mal, ainda mora mal.

Mas saboreia a vida.

Um japonês entra na fábrica e fica lá quietinho (emocionalmente). Sabe que seu filho vai repetir sua vida. Que o filho de seu filho vai fazer a mesma coisa — o respeito pelos ancestrais bole muito com a vivência da pessoa. Já o norte-americano é o oposto. Praticamente, está destruindo o sistema de vida familiar. Quando um garoto faz 15 anos, ou 16, o pai americano faz

questão de mandá-lo estudar em outro Estado. E também faz questão de que a filha viva completamente independente da família. Assim, perde uma das coisas mais saborosas (quase sempre) que é a convivência familiar. O grande risco do desenvolvimento é que os povos perdem a alegria de viver. Acontecerá isso com os brasileiros? Não acredito. O brasileiro é o único sujeito que pratica filosofia existencial instintivamente.

Será mais feliz.

Kahn foi levado a sério, no Brasil, em 1969. E sua vinda foi financiada, creio, pela Associação Comercial. Realmente, conseguiu mobilizar a sociedade brasileira. Suponho que, intimamente, ele nos gozava. Por quê? Porque, inteligente como é, não pode ele próprio se levar muito a sério.

Delfim Netto (para orientação dos leitores ditos "desavisados") é tido como um dos maiores Ministros de Fazenda do Mundo. É internacionalmente considerado, e respeitado, como tal. Quando manda brasa, no Exterior, a brasa é de alto gabarito. Talvez adule, quando supõe ser conveniente adular. Mas quando sente que chegou a hora de dar coices, dá coices nos nossos irmãozinhos internacionais. E que coices! O Brasil não divaga mais, pelo mundo, de pires na mão. O Brasil solicita, às vezes. Mais impõe. E impõe-se.

Quase sempre.

Herman jamais sonhou que, quatro anos depois, o Brasil estaria se debatendo com o problema da falta de matérias-primas. Tal problema, contornável, está sendo



**NINGUÉM  
CONHECE  
NINGUÉM**



# NINGUÉM CONHECE NINGUÉM

gerado, justamente, pelo nosso gigantismo. Tomei conhecimento de um pronunciamento que Delfim fez, há pouco, na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. Tal documento entusiasmou-me e, em parte, esclareceu-me. Decidi fazer esta reportagem (ninguém me pediu) para esclarecer o leitor. E tentar entusiasmar-lo também. É uma resposta aos Hermans brasileiros.

Muito mais Kahns do que Hermans.

Disse Delfim, em síntese:

● Seria da maior utilidade conversarmos um pouco sobre o que realmente está acontecendo, de que forma podemos continuar a crescer e de que forma temos de encarar a situação presente no Brasil. Quero saber se vamos lamentar alguma falta de matéria-prima, se vamos sentar no meio-fio e chorar por alguns preços... ou se vamos continuar trabalhando para que esse País possa continuar crescendo a dez por cento ao ano, por muitos anos ainda.

● Usando as estatísticas da ABINE e fazendo algumas manipulações a que os economistas já se acostumaram e que têm causado tanto incômodo a alguns articulistas mal informados, eu gostaria de analisar os últimos dados...

● Cingir-me-ei a 32 meses apenas, os anos de 1971, 1972 e os oito primeiros meses de 1973. Exemplos: a venda física do setor da indústria eletro-eletrônica cresceu 26%, e seus preços médios, 12,2%. O emprego de mão-de-obra, no setor, cresceu 3%, enquanto o emprego total na indústria paulista crescia 5,4%.

● Nesses primeiros oito meses de 73, se compararmos com os oito primeiros meses de 72, chegaremos a constatação quase espantosa de que as vendas físicas do setor cresceram de 46%...

● Um setor que nos permite visualizar um pouco mais fisicamente aquilo que muitas pessoas não conseguem entender, porque têm verdadeiro pavor de aritmética...

● Nos primeiros nove meses de 73, comparadas com o mesmo período de 72, as vendas de tratores cresceram de 25%. As vendas de caminhões, 30%. Automóveis, 16%.

● Vendemos, em oito meses, a bagatela de 84 mil televisores a cores.

● O setor dos minerais não-metálicos cresceu 15%. O setor metalúrgico, 13%. Isto tudo nos primeiros sete meses do ano. O material elétrico e o material de comunicações, que são unidos, cresceu 30%. O setor de produção de papel e papelão, 10%. O setor químico, 18%. O setor de matérias plásticas, 24%. O setor têxtil, em torno de 7%. O setor bebidas, 22%.

Tem muita gente que bebe, sim.

Afirmando que o setor de vestuário e de calçados aumentou 18% e que a indústria cresceu em sete meses 15% (em termos físicos), o Ministro perguntou:

— O que seria de esperar de um crescimento tão acelerado da produção industrial? Seria de esperar que sobrasse matéria-prima? Seria de esperar que não houvesse tensões de nenhuma natureza? Seria de esperar que pudéssemos seguir crescendo a essa taxa sem nenhum problema?

Disse, adiante:

— Seria de esperar que houvesse problemas para serem resolvidos, ou seria de esperar que houvesse realmente alguma escassez que estimulasse novos investimentos, que, por sua vez, gerariam maior demanda, e que, se Deus quiser, gerasse maior escassez ainda, para que todo processo pudesse continuar?

Claro: o desenvolvimento é, exatamente, esse processo de desequilíbrio permanente entre a estrutura produtiva e a estrutura da demanda.

Balzac disse que o dinheiro era a mola do mundo. Foi, a seu modo, Balzac um futurólogo.

O safado estava certo.

Pode ser que o leitor não esteja muito ligado em economia. Mas está ligado em custo de vida. Então, sem trocadilhos ou, vá lá, com trocadilho, não custa fixar-se um pouco neste assunto para saber como e por que seu bolso palpita. Delfim deu um banho informativo no empresariado paulista. Afirmando para meia dúzia de chorões de meio-fio:

— Falta de matéria-prima é o indicador mais importante de que estamos batendo no teto da nossa taxa de expansão.

Engraçado: creio que não haveria nada mais simples para o Governo do que fazer desaparecer, com um estalar de dedos, a gemida escassez de matéria-prima. Bastaria reduzir nossa taxa de crescimento. Sobre isso, o Ministro propôs, irônico, uma medida simples:

— Em duas semanas sobrarão matéria-prima... este, sim, seria um choro de encher represas. Como? Bastaria reduzirmos o prazo de recolhimento do IPI para 30 dias e... vamos ver se falta matéria-prima daqui a 15 dias... ou se sobra.

Perguntou, e perguntou mesmo:

— Quem é suficientemente idiota para propor uma solução como esta? Quem é suficientemente irresponsável para propor que paralisemos o desenvolvimento econômico, só porque existem algumas dificuldades com matéria-prima? Quem não acende sequer uma chama mínima dentro do cérebro, percebendo que essa escassez de matéria-prima são as novas oportunidades que os senhores têm de capturar para continuar crescendo? Por que, então, esse frenesi, essa quase histeria, esse processo de choramingar, de ficar desesperado com uma ansiedade que é insolúvel, porque não há pílula que resolva, que faça aparecer a matéria-prima?

O Ministro estava uma fera. E, quando vira fera...

... ele vira fogo.

Após um gole de água mineral, aparentemente mais calmo, ele continuou perguntando. Assim: Por que não entender que as coisas são simples? Não, não, ele perguntou, exatamente, o seguinte: Por que não entender que as coisas são como elas são? Por que não saber que, se desejamos crescer, temos que sofrer? Que, se desejamos crescer, temos que lutar? Se desejamos crescer, ninguém nos dá leite... nem a pecuária. É preciso pagar por esse leite. Por que não entender que, se desejamos realmente ser um País desenvolvido, temos que fazer crescer rapidamente a produção? Temos que ter escassez de matérias-primas, escassez de mão-de-obra, porque isto é que vai (atenção, trabalhadores, digo eu, repórter) **ELEVAR OS SALÁRIOS RELATIVOS DOS TRABALHADORES MENOS QUALIFICADOS** (o grifo é por conta da casa, da minha), e é por aí que se resolve

o problema da distribuição de renda, e é por aí que se resolvem os problemas que todos apontam e que o GOVERNO RECONHECE COMO GRAVE (o grifo, idem). E fazendo crescer o salário relativo dos trabalhadores não qualificados e dando-lhes educação é que se resolvem os problemas desse País. É trabalhando, e não chorando, que faremos o desenvolvimento.

Concluiu: a opção está conosco. Ou entendemos o que está acontecendo, ou haveremos de chorar muito.

Não muito.

Na semana que vem, queira Deus, continuarei com este assunto (que considero assunto, e muito assunto, para algumas e vastas áreas). Pretendo provar, com a realidade brasileira, que Herman Kahn blefou. Como não sou economista (nem economês) e como o Ministro Delfim Netto não gosta de entrevistas, vali-me, na medida do possível, de parte do seu (funcionalmente perfeito) grupo de assessores. Entre outros: José Flávio Pécora, um crânio, secretário-geral e ministro-substituto. Pécora é mais ou menos enrustido, fala pouco. Mas diz muito. Depois, Eduardo de Carvalho, o Edu, bigode moço, chefe da Assessoria Econômica. Edu é o homem que mais entende de carne (setor gado), no Brasil. O verdugo (no bom sentido) dos pecuaristas. Sem a preocupação cinematográfica da "por ordem alfabética", cito Israel D'Ávila, secretário-geral. E Gustavo Silveira, assessor de Imprensa. Ser assessor de imprensa de um Ministro de um País importante como o Brasil não é nada, nada mole. O Homem hoje está no Rio, amanhã em São Paulo (fins de semana), depois Japão, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos, o mundo, em suma. A função de Gustavo, bom e jovem (não obstante a tarimba) jornalista, é divulgar para o mundo, na mesma hora, o que o Ministro disse.

Ou o que o Ministro teria dito.

Bem: hoje abordei o lado econômico-financeiro, garatuja, da Nação Brasileira. Amanhã ou depois, quero contar a vida (mais ou menos íntima) do cidadão Antônio Delfim Netto (com dois tês). Afinal, ele é o dono do nosso dinheiro.

Das nossas esperanças, principalmente.

*Herman Kahn, o adivinho internacional, disse, em 1969, que o Brasil teria um futuro negro. Logo ele, um futurólogo (a mais cômoda das profissões). Hoje, 1973, o Brasil desmentiu, com sua fabulosa realidade, os vaticínios do homem cujo QI é considerado excepcional. Nosso 1973 é o ano 2000 do inventor do futuro. Ele acusou o brasileiro de gostar de viver bem. Claro: o brasileiro não é burro.*



**NINGUÉM  
CONHECE  
NINGUÉM**